



**CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL**  
**COLÉGIO SANTA DOROTÉIA – PESQUEIRA – PE**

Educar, um gesto de amor que fica para sempre!

**REVISÃO DE PORTUGUÊS – 2020**

**PROFESSOR KARL MIRKO**  
**REVISIONAL**

**9º ANO - FII**

NOME:

Nº

DATA:

NOTA

**CONTEÚDOS TRABALHADOS:** *Interpretação de texto; Orações subordinadas substantivas e adjetivas.*

Leia para responder às questões de 1 até 4.

**POR QUE ESTUDAR A CULTURA INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA?**

Os currículos escolares, tradicionalmente, sempre trabalham a História Geral e a História do Brasil, a partir de uma postura eurocêntrica, tendendo a olhar os povos indígenas e afros sempre com um esgar de olhos que deflagram um descaço com a riqueza e a complexidade dessas culturas. Historicamente, passamos a interpretar a História Oficial de nosso país a partir do ponto de vista da classe dominante, o que condenou à ignorância a contribuição cultural, social, política e econômica que os negros e os índios, em suas respectivas conjunturas, legaram ao Brasil.

(...) Legados à condição de mão-de-obra barata e servil, presos em suas senzalas e aldeias, negros e índios sempre caminharam pelos recônditos da História, paralelo às transformações sociais, econômicas e políticas que aconteciam no Brasil litorâneo. Brasil esse forjado pelos grandes ciclos econômicos e transformações políticas diversas. O que esse Brasil não assume (porque no fundo ele sabe) é que o grande construtor da sociedade brasileira sempre foram seus inúmeros coadjuvantes, forjando uma nação a partir da resistência, dos sincretismos e da miscigenação.

Octávio Ianni dizia que a cada época histórica o Brasil debruça-se sobre a questão nacional. Essa preocupação resulta do fato de que nossos intérpretes sempre sentem a necessidade de problematizar a formação da sociedade brasileira, justamente para poder entender o presente e compreender nossa verdadeira identidade nacional. Na maioria das vezes, a empreitada torna-se difícil, pois estes se deparam com a questão da diversidade cultural no caminho. É como se a problemática acerca da identidade nacional fosse representada por um enorme “quebra-cabeças”, um mosaico no qual, na medida em que fôssemos juntando as peças, novas lacunas surgiriam, impedindo uma percepção clara do problema, mas ao mesmo tempo dando uma dimensão múltipla do tema.

Neste sentido, surge uma questão importante: a formação do povo brasileiro está atrelada incondicionalmente à tensa relação entre a classe dominante e a classe subalterna. Legados à condição de força de trabalho escrava, negros e índios resistiam aos desmandos dos patrões, em certos momentos, a partir do enfrentamento, mas a estratégia adotada, mesmo que inconscientemente, era sempre silenciosa. A contribuição desses povos está nos costumes, comidas típicas, modos de vestir, sotaques, práticas culturais únicas, sincretismo religioso, peças preciosas do grande mosaico em que se tornou o Brasil.

Os “esquecidos da história” (...) adotaram, inconscientemente, a estratégia da memória, passando de geração em geração suas culturas, seu capital simbólico próprio, onde não precisam de registros impressos para se fazer entender. Não precisam da legitimidade da elite, bastam ser “lembrados pelos pares”. Isso já é suficiente para que se forje uma grande nação!

Estudar a “História da cultura afro-brasileira e indígena” requer revisar aquilo que já se falou sobre negros e índios, buscando considerar a contribuição destes na formação da sociedade brasileira. Tudo que for estranho aos nossos olhos tem que ser investigado a fundo. No final, outra visão será construída.

O importante é que essa nova visão não se constitua como verdade absoluta, mas que se constitua como ferramenta para seguirmos em frente, em busca de novas respostas e desarmados de qualquer tipo de preconceito e estranhamento. Lembremos que o mosaico nunca se completa, o “quebra-cabeças” que não se soluciona justamente por compreender sua própria complexidade. Afinal de contas, não é assim que a ciência sempre agiu?

Khemerson de Melo Macedo - Coordenador Geral de Projetos do NCPAM, finalista em Ciências Sociais pela UFAM. Disponível em: <http://www.ncpam.com.br>. Acesso em: 24ago.2013.

**(1) (DOROVEST/2020)**

Considerando-se a intencionalidade com que o texto 1 foi concebido, é correto afirmar que o autor

- (A) Tem como objetivo principal propor uma reflexão acerca dos currículos escolares ao longo do tempo, sobretudo os das disciplinas História Geral e História do Brasil.
- (B) Não responde à pergunta proposta no título, uma vez que o objetivo é estimular o questionamento do leitor quanto ao estudo das culturas indígena e afro-brasileira na escola.
- (C) Ressalta a ingenuidade dos indígenas e dos afros, por se submeterem ao caminho pelos recônditos da História, em paralelo às transformações acontecidas no Brasil litorâneo.
- (D) Utiliza a estratégia de retomar aspectos históricos nacionais para mostrar que as culturas afro e indígena devem ser estudadas porque esses povos contribuíram com os europeus.
- (E) Destaca a complexidade que perpassa a identidade nacional e defende que o estudo da formação da sociedade brasileira requer uma postura de investigação, e não de preconceito.

**(2) (DOROVEST/2020)**

Pelas características globais que o texto 1 apresenta, verifica-se que ele

- (A) É um exemplar do gênero notícia, por isso foi escrito na 3ª pessoa, há neutralidade do autor quanto à temática abordada e a linguagem empregada é clara e objetiva.
- (B) É facilmente reconhecido como reportagem, o que justifica o aprofundamento acerca do fato tratado. Nesse caso, prevalecem sequências tipológicas narrativas e expositivas.
- (C) Está voltado à indicação de procedimentos que devem ser seguidos no estudo das culturas indígena e afro-brasileira. Sendo assim, enquadra-se no tipo textual injuntivo.
- (D) É predominantemente argumentativo, tendo em vista o perfil crítico adotado por Khemerson Macedo ao abordar o estudo das culturas afro-brasileira e indígena nas escolas.
- (E) Tem como predominantes sequências tipológicas descritivas, pois o autor busca caracterizar os diversos aspectos culturais dos negros e indígenas na história nacional.

**(3) (DOROVEST/2020)**

Com base no material linguístico do texto 1, avalie os comentários a seguir e indique a alternativa correta.

- (A) Para reforçar como os estudos acerca dos negros e dos índios vêm se dando no Brasil e estabelecer um contraponto com a visão que deve ser construída, o autor faz uso de advérbios que expressam ideia de tempo, a exemplo de ‘tradicionalmente’, ‘sempre’ e ‘historicamente’.
- (B) A repetição do vocábulo ‘Brasil’, no segundo parágrafo, prejudica a qualidade do texto. A fim de evitar esse prejuízo, o autor poderia ter empregado a técnica da substituição, por meio de termos como ‘país’ e ‘nação’, sem, com isso, gerar alteração semântica.
- (C) No terceiro parágrafo, ao fazer uma citação indireta de Octávio Ianni, Khemerson Macedo obtém uma

referência intertextual explícita para sustentar sua ideia. Dessa forma, contudo, comprometeu a coerência do texto, já que não há dados acerca do perfil de Ianni.

- (D) No quarto parágrafo, a expressão ‘peças preciosas’ foi empregada para substituir os seguintes referentes: ‘povos’, ‘costumes’, ‘comidas típicas’, ‘modos de vestir’, ‘sotaques’, ‘práticas culturais únicas’ e ‘sincretismo religioso’. Nesse caso, a relação semântica estabelecida é de sinonímia.
- (E) Em praticamente todos os parágrafos, o autor remete a ‘índios’ e ‘afros’, seja por repetição literal dos vocábulos, seja por substituição. Essa estratégia garante a unidade temática do texto, apesar de gerar danos à progressão textual.

#### (4) (DOROVEST/2020)

O verbo “trabalhar”, destacado no texto, é:

- (A) VTD.  
(B) VTI.  
(C) VL.  
(D) VI.  
(E) VBT.

Leia para responder as questões 7.

#### DISSONÂNCIAS DO PROGRESSO

O que é progresso? Para alguns teóricos, apenas uma palavra que não passa de um slogan, um clichê ou, no máximo, um mito; pode ser também uma crença, jamais um conceito. Para ganhar estatuto de “conceito” universal, o termo apoia-se em outras palavras em busca de legitimidade e, assim, passa de relativo a absoluto: progresso e democracia, progresso e liberdade, progresso e desenvolvimento. Pior: até mesmo ações de caráter belicista recorrem à ideia de guerra como movimento indispensável a um futuro de progresso radioso.

Afinal, o que legitima o progresso hoje? A impressionante herança deixada pelas inúmeras formas do progresso da ciência e da técnica é incontestável: o mundo ganhou, mas também perdeu. Transformação radical das ideias de espaço e tempo, avanços na medicina e na biologia que nos preservam de muitos males – progresso com inegáveis e perenes benefícios para a humanidade –, mas, em contrapartida, um progresso que cria rigor, velocidade, precisão da relação do homem com o meio físico, desaparecimento do vago e do lento, hábitos dominados por métodos positivos governados pelas máquinas, modo científico de existência ao qual “os espíritos se acostumam rapidamente, ainda que insensivelmente”, enquanto as relações do homem com o homem permanecem, como observa o poeta e filósofo Paul Valéry, “dominadas por um empirismo detestável que evidencia até mesmo, em diversos pontos, uma sensível regressão”.

Se a ciência do Iluminismo permitiu o alargamento da percepção do mundo e da vida ao destruir uma quantidade enorme de certezas, em contrapartida, as ideias de progresso, aliadas à racionalidade técnica, destroem uma das grandes invenções da humanidade – a dúvida – ao recriarem e reporem o mito da certeza. O mito do progresso é uma dessas novas certezas. Basta ouvir os discursos de políticos, financistas, tecnocratas e até mesmo de intelectuais ilustrados. No ensaio “O mito moderno do progresso”, Jacques Bouveresse leva-nos a pensar que a ideia de progresso resume dois dos mais terríveis problemas da atualidade, sintetizados por Georg Von Wright como o mito da autoridade e o império da fala: “um discurso”, escreve Bouveresse, “que se pode considerar como mais ou menos dispensado da argumentação, que se autolegitima e cujo protótipo é a fala que emana do fundamentalismo religioso ou da ditadura política”.

Em seu pouco conhecido Cahier B, de 1910, Valéry alia a revolução tecnológica à dissolução das tradições comuns e da crença nos mesmos valores com o nascimento das grandes cidades no século XIX: “o civilizado das grandes cidades volta ao estado selvagem, isto é, isolado, porque o mecanismo social lhe permite esquecer a necessidade da comunidade e leva à perda do sentimento de laço entre os indivíduos, antes despertados incessantemente pela necessidade. Todo o aperfeiçoamento da mecânica social torna inúteis atos, maneiras de sentir, aptidões à vida comum”. Esse indivíduo isolado tende a perder as memórias coletivas e os imaginários sociais, abrindo espaço para o que Musil definiu como “egoísmo organizado”. As pulsões egoístas, segundo ele, resultam do progresso material e da desordem social.

Podemos complementar essa ideia de pulsões egoístas com a análise de Engels sobre o homem das grandes cidades em “A situação da classe operária na Inglaterra”, em que se lê que, para realizar os progressos da civilização, os homens sacrificam o melhor de si: “As cem forças que dormem neles permanecem inativas e abafadas para que apenas algumas possam se desenvolver [...]. E mesmo sabendo que esse isolamento do indivíduo e seu egoísmo são em todo lugar o princípio fundamental da sociedade atual, em nenhum lugar eles se manifestam com uma impudência, uma segurança tão total quanto aqui, precisamente na multidão da grande cidade. A desagregação da humanidade em mônadas na qual cada uma tem um princípio de vida e um fim particular, esta atomização do mundo é, aqui, levada ao extremo”.

Assim, com as promessas da ciência e da técnica que jamais se realizam (sempre uma espera), o progresso entra em eterno processo, linear e infinito, mas também mecânico e circular, criando as próprias condições de perpetuação. É desse movimento infinito que ele se alimenta: diante de problemas criados pelo progresso, inventa-se uma nova forma de progresso que permite “superar” os problemas criados.

NOVAES, Aduato. Dissonâncias do progresso. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/dissonancias-do-progresso/>>. Acesso em: 10 out. 2018 (adaptado).

#### (7) (CSD/2019) – PORTUGUÊS

O TEXTO é jornalístico e foi veiculado no Jornal Le Monde diplomatique Brasil. Assinale a alternativa que traz características correspondentes ao seu gênero e à tipologia textual predominante nele.

- (A) Por ser uma notícia de jornal, o TEXTO possui cunho informativo e é composto, principalmente, por sequências narrativas e descritivas.
- (B) Por se tratar de uma reportagem e desenvolver explicações baseadas em citações de filósofos, o TEXTO apresenta sequências tipológicas predominantemente explicativas, com trechos descritivos.
- (C) Por se tratar de um artigo de divulgação científica e fazer um levantamento bibliográfico a partir de diversos textos teóricos, o TEXTO é composto, em sua grande parte, por sequências explicativas e narrativas.
- (D) Na intenção de persuadir os leitores a refletirem sobre as vantagens e as desvantagens do progresso, percebe-se a predominância do tipo textual injuntivo no TEXTO, que constitui uma espécie de tutorial sobre o assunto.
- (E) O TEXTO constitui um artigo de opinião e possui, predominantemente, sequências tipológicas dissertativo-argumentativas, pois o autor mostra seu ponto de vista e utiliza argumentos para fundamentá-lo.

#### (8) (CSD) – Analise a oração abaixo:

Todo ser humano tem receio de que o mundo acabe logo.

Julgue cada afirmativa abaixo com relação à oração acima.

- (I) É um período composto por coordenação, pois as duas orações que se apresentam são independentes.
- (II) O período é formado por duas orações, sendo a primeira a oração principal e a segunda a oração subordinada.
- (III) A primeira oração é uma coordenada assindética e a segunda uma sindética explicativa.
- (IV) Temos um período composto formado por duas orações, sendo a segunda uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

A sequência correta é

- (A) VVVV  
(B) FVFF  
(C) VFFF  
(D) FVFV  
(E) FFFV

(9) (CSD) – Leia a tirinha abaixo.



(Quina. O regresso de Marfálda. Lisboa: Dom Quixote, 1984, p. 62.)

No último quadrinho da tirinha a oração subordinada substantiva pode ser classificada como

- (A) Objetiva direta.
- (B) Completiva nominal.
- (C) Predicativa.
- (D) Apositiva.
- (E) Objetiva indireta.

(10) (CSD) – Entre as orações destacadas abaixo apenas uma não tem sujeito, portanto é uma subordinada substantiva subjetiva. Assinale-a.

- (A) Os meliantes têm medo de que a polícia consiga prende-los.
- (B) Convém que todos fiquem tranquilos.
- (C) Todos desejam isso: que você seja feliz.
- (D) Os dez mosqueteiros querem que você se uma a eles.
- (E) Temos muita necessidade de que o pagamento seja feito.

(11) (CSD) – Questão aberta.

Analise cada oração abaixo, reescrevendo a oração subordinada e classificando-a.

(A) As meninas têm bastante medo de que as baratas cheguem aqui.

Oração subordinada:
Tipo de oração subordinada:

(B) Os bons companheiros necessitam de auxílio para construírem a creche comunitária.

Oração subordinada:
Tipo de oração subordinada:

(C) A Cobra e a Vaca querem que todos saibam que elas são amigas.

Oração subordinada:
Tipo de oração subordinada:

(D) Sabemos que não haverá aula amanhã.

Oração subordinada:
Tipo de oração subordinada:

(12) (CSD) – Em “Marcelo entrou rapidamente, comeu, tomou banho e partiu para o trabalho”, há:

- (A) Duas orações assindéticas.
- (B) Três orações, sendo duas assindéticas e uma sindética.

(C) Duas orações sindéticas.

(D) Três orações, sendo uma assindética e duas sindéticas.

(E) Quatro orações, sendo três assindéticas e uma sindética.

(13) (CSD) – Em “Não entre com os pés sujos de lama, nem vá pular a janela para seu quarto”, o período é composto por:

- (A) Uma oração principal e uma subordinada alternativa.
- (B) Uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética aditiva.
- (C) Duas orações subordinadas completivas nominais.
- (D) Duas orações subordinadas substantivas.
- (E) Uma oração coordenada sindética predicativa e outra assindética coordenativa.

LEIA.

Uma diferença de 3.0 quilômetros e 32 anos de vida separa as margens do abismo entre o Brasil que vive muito, e bem, e o Brasil que vive pouco, e mal. Esses números, levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, e pela Fundação Joaquim Nabuco, de Pernambuco, referem-se a duas cidades situadas em polos opostos do quadro social brasileiro. Num dos extremos está a cidade de Veranópolis, encravada na Serra Gaúcha. As pessoas que nascem ali têm grandes possibilidades de viver até os 70 anos de idade. Na outra ponta fica Juripiranga, uma pequena cidade do sertão da Paraíba. Lá, chegar à velhice é privilégio de poucos. Segundo o IBGE, quem nasce em Juripiranga tem a menor esperança de vida do país: apenas 38 anos.

A estatística revela o tamanho do abismo entre a cidade serrana e a sertaneja. Na cidade gaúcha, 95% das pessoas são alfabetizadas, todas usam água tratada e comem, em média, 2.800 calorias por dia. Os moradores de Juripiranga não têm a mesma sorte. Só a metade deles recebe água tratada, os analfabetos são 40% da população e, no item alimentação, o consumo médio de calorias por dia não passa de 650.

O Brasil está no meio do trajeto que liga a dramática situação de Juripiranga à vida tranquila dos veranenses. A média que aparece nas estatísticas internacionais dá conta de que o brasileiro tem uma expectativa de vida de 6 anos.

Veranópolis, como é comum na Serra Gaúcha, é formada por pequenas propriedades rurais em que se planta uva para a fabricação de vinhos. Tem um cenário verdejante. Seus moradores - na maioria descendentes de imigrantes europeus - plantam e criam animais para o consumo da família. Na cidade paraibana, é óbvio, a realidade é bem diferente. Os sertanejos vivem em cenário árido. Juripiranga não tem calçamento e o esgoto corre entre as casas, a céu aberto. Não há hospitais. A economia gira em torno da cana-de-açúcar. Em época de entressafra, a maioria das pessoas fica sem trabalho.

No censo de 1980, os entrevistadores do IBGE perguntaram às mulheres de Juripiranga quantos de seus filhos nascidos vivos ainda sobreviviam. O índice geral de sobreviventes foi de 5%. Na cidade gaúcha, o resultado foi bem diferente: a sobrevivência é de 93%.

Contrastes como esses são comuns no país. A estrada entre o país rico e o miserável está sedimentada por séculos de tradições e culturas econômicas diferentes. Cobrir esse fosso custará muito tempo e trabalho.

(Revista Veja - 11/05/94 - pp. 86-7 - com adaptações).

**(14) (CSD - adaptado de IBGE/2008)** – Os 32 anos referidos no texto como um dos indicadores do abismo existente entre as cidades de Veranópolis e Juripiranga corresponde à diferença entre:

- (A) Suas respectivas idades, considerando a época da fundação.
- (B) As idades do morador mais velho e do mais jovem de cada cidade.
- (C) As médias de idade de seus habitantes.
- (D) A expectativa de vida das duas populações.
- (E) Os índices de sobrevivência dos bebês nascidos vivos.

**(15) (CSD - adaptado de IBGE/2008)** – Segundo o texto, Veranópolis e Juripiranga encontram-se em polos opostos. Assinale a única opção cujos elementos não caracterizam uma oposição entre essas duas cidades:

- (A) Norte x Sul
- (B) Verdejante x Árido
- (C) Serra x Sertão
- (D) Plantação x Consumo
- (E) Dramática x Tranquila

**(16) (CSD - adaptado de IBGE/2008)** - Analise as afirmações abaixo e assinale V para as que, de acordo com o texto, considerar verdadeiras e F para as falsas:

- A cidade paraibana não tem sequer a metade dos privilégios de que goza a cidade gaúcha.
- O Brasil, como um todo, encontra-se numa posição intermediária entre as duas cidades.
- Apesar de afastadas pelas estatísticas, Veranópolis e Juripiranga se unem pelas tradições culturais.
- Embora com resultados diferentes, a base da economia das duas cidades é a agricultura.
- De seus ancestrais europeus os sertanejos adquiriram as técnicas rurais.

A sequência correta é

- (A) V - V - V - F - F
- (B) F - F - V - F - V
- (C) V - V - F - F - F
- (D) F - F - V - V - V
- (E) V - V - F - V - F

**(17) (CSD - adaptado de IBGE/2008)** – Leia:

"Cobrir esse fosso custará muito tempo e trabalho".

O fosso mencionado no texto diz respeito ao (à):

- (A) Abismo entre as duas realidades.
- (B) Esgoto que corre a céu aberto.
- (C) Calçamento deficiente das estradas brasileiras.
- (D) Falta de trabalho durante a entressafra.
- (E) Distância geográfica entre os dois polos.